

RESTOS (DE) AMADO: UMA INTRODUÇÃO

Lucília Maria Abrahão e Sousa

Universidade de São Paulo

R. Maria Antônia, 294, São Paulo - SP, Brasil

(55) 11 3259-8342 | luciliamsr@ffclrp.usp.br

Resumo: Este trabalho incide sobre a exposição literária de Jorge Amado no Museu de Língua Portuguesa, em São Paulo, realizada em homenagem ao centenário de nascimento do autor.

Palavras-chave: Jorge Amado, Museu de Língua Portuguesa, Brasil.

Abstract: This paper focuses on the literary exhibition of Jorge Amado in Portuguese Language Museum in São Paulo, held in honor of the author's birth centenary.

Keywords: Jorge Amado, Portuguese Language Museum, Brazil.

"E eu então te digo que sempre há algo que resta, mesmo depois do fim, algo que resta, e insiste e retorna, em algum lugar, neste espaço que crio, entre o que digo e o que você lê, uma espera, esse algo que nos transforma." Carola Saavedra, in *Flores Azuis* (p.149)

Ao introduzir esse trabalho sobre a exposição literária de Jorge Amado no Museu de Língua Portuguesa (doravante MLP), em São Paulo, homenagem ao centenário de nascimento do autor (2012), desejo tocar nos efeitos de resto; explico, o que se mostra ao visitante na posição de leitor é um arquivo composto e ex-posto a partir de efeitos de resto de obras literárias produzidas pelo autor em diferentes momentos de sua carreira, de fotografias dispersas e trazidas de mais de um local, de objetos e peças particulares do escritor colocadas a público e de documentos legitimados por órgãos oficiais, tais como a Fundação Casa de Jorge Amado. Resto como sobra do que estava/esteve vivo em outro lugar, como fio retomado de outra costura que ora se deposita como um resíduo em uma nova trama, como parte que se desloca de um campo antes todo e fechado para se misturar com outros fragmentos igualmente residuais. Nesses termos, a exposição é resto de palavras eleitas como sobra de um romance, sobra porque de uma extração onde não se tem mais a narrativa como centro potente a enlaçar os personagens em um espaço e tempo, mas apenas um fragmento dela. Sobras de dizeres de Quincas, Gabrielas, Sem-Pernas, Teresas, Vadinhos, Donas com nome de Flor, que se edificam em uma sobreposição ao modo de uma colagem, no caso, aquela tecida pelo MLP com despojos discursivos de muitos diálogos da ficção. Restos que intervalam o que era de uma narrativa com outras, e também o que ficou por dizer em várias; ruínas do que não pode ser dito como uma obra literária apenas ou uma, mas que, na heterogeneidade de várias, compõe outra história, a da exposição denominada "Jorge Amado e universal".

Heterogeneidade marcada e costurada pelo Museu

De acordo com os estudos de Authier (1990, 1998), toda linguagem é heterogênea, pois se constitui a partir de dizeres e imagens já ditas antes, enfeixadas pelo imbricamento de vozes que se misturam a cada retomada de

palavra. Marcada ou não, mostrada ou não manifesta de imediato, a língua(gem) funciona a partir do que foi trazido de vários lugares, de vários outros textos e que adentra a voz do sujeito de modo inconsciente, marcado pela evidência do sentido. A cada marca mostrada – e existem diferentes maneiras de isso se manifestar – um pedaço de um dizer outro atravessa a voz do sujeito; a cada discurso sem as presenças demarcadas, ainda assim, algo do já-dito atravessa, percorre e conserva-se ali ainda que como presença difusa, muito necessária.

Ainda que de modo iniciante, tal heterogeneidade constitutiva me conduz ao tema dos restos, o que cai de cada fragmento já falado antes e o que se mantém e erige a voz do sujeito. O que resta de outros na tessitura do sujeito; os movimentos de emendas de restos em que o sujeito tenta amarrar-se ao que já foi falado dele antes de tomar a palavra. Esses restos, em que o sujeito se apoia ora citando explicitamente, ora esquecendo-se que retoma a palavra alheia sem nunca tê-lo sabido, ora escamoteando a voz do outro para dizê-la novamente, ora refutando o que já posto, me parece ter relação direta com o trabalho de criação literária, com a posição-sujeito autor de literatura e com a montagem das exposições literárias do MLP.

É de restos que se funda uma exposição como essa, é de pequenos resíduos do que antes estava disperso em várias obras literárias completas e escritas em momentos diversos, é de pequenas marcas dessa heterogeneidade marcada e mostrada do sujeito-autor com sua obra – tecelagem de desdobramentos de temas e figuras pelos livros afora – que se constrói o discurso da exposição. Restos que caem para ser outra coisa, não mais o livro ou o enredo do romance, nem um ensaio sobre ele, nem um texto crítico sobre o autor, nem outro livro de história composto a partir daquele; mas um discurso de/sobre Jorge Amado em que duas superfícies se roçam: a fala do escritor e a fala do MLP.

Essas duas instâncias se enredam, são bordas que se tocam sem se misturar, enfrentam-se em uma cenografia que se oferece ao leitor como uma montagem, uma composição, uma construção com efeito imaginário de unidade. Assim, a homenagem a certo escritor de língua portuguesa reclama outra narrativa, aquela que se organiza a cada quadro da exposição e que para o leitor apenas se dá a ver de todo após a saída do museu. A cada dizer do autor, um quadro da

exposição. A cada mostragem sobre o autor, um trecho em que os efeitos de entretenimento e interação são inventados e materializados pelo Museu. De e sobre funcionam como uma pátina de restos de vozes que caem, transpõe fronteiras, se chocam com a cenografia eleita, reinventam o já-dito (PÊCHEUX, 1997, 1999) e se apresentam como se não houvesse emendas. Vejamos.

Com desenvolvimento e organização da Naked & Associados Mercado Cultural, a exposição reuniu profissionais de diferentes áreas, tais como, Ana Helena Curti na coordenação geral, Daniela Thomas e Felipe Tassara ficaram com a tarefa da expografia. Todos eles trabalharam em consonância com a voz institucional do MLP para compor um arquivo de textos tornados disponíveis e considerados pertinentes (Pêcheux, 1993) para fazer circular dizeres de/sobre o escritor baiano, muitos deles inéditos.

Logo na entrada da exposição, a heterogeneidade (Authier, 1998) foi marcada pela presença de oito mil fitinhas do Senhor do Bonfim, impressas com os nomes de cem personagens dentre os cinco mil criados em vários textos de Amado. Isso nos dá pistas de um cruzamento de dois eixos da memória do discurso (Pêcheux, 1999): i. os vários personagens de distintos romances, contos e textos de Amado e ii. a tradição popular do uso das fitinhas do Bonfim. Elas são vendidas costumeiramente na porta da igreja de Nosso Senhor do Bonfim, grande marco turístico da cidade de Salvador e – reza a tradição – que quem amarrar a fita em alguma parte do corpo com três nós fortes deve desejar ardentemente algo; o Bonfim irá conceder a realização dos desejos quando a fita, gasta pelo tempo, arrebentar. O que está presente e dito na tradição popular e já foi falado fora do Museu - na rua na porta da igreja no corpo de tantos crentes no Bonfim – desloca-se agora para encontrar os personagens de Amado, tanto afetados pela presença da cidade de São Salvador como pela potência da miscigenação religiosa. Ao produzir o encontro de restos dos nomes dos personagens e das as fitinhas, um imaginário de poder entra em curso agora chancelado pela voz do Museu: o divinatório, o místico é deslocado do nome do santo para a carne das personagens da ficção, e depois para o modo como o MLP arranja e ordena um certo modo de apresentar Amado. O sagrado e o profano se colam de modo a colocar um nome de gente em lugar de um

nome de santo, deslocamento que produz uma estranha equação entre o místico e o humano.



As cores e os nomes de personagens, e tão somente um nome. Da obra literária inteira, resta apenas um nome na fitinha, e isso parece bastar e ser tudo para implementar a diversidade de cores e tramas de Amado. Esse emaranhado cria uma imensa mistura de uma história em outra em outras, os nomes de personagens saltando de diferentes páginas de livros e se encontrando em um imenso painel colorido, um espaço de intervalo entre as fitas cujos nomes muitas vezes o leitor não sabe de onde vem. Essa composição feita pelo Museu apresenta Amado de início pelo colorido, pelo volume de personagens, pela propriedade humana e transcendente que sua criação evoca: são restos de Amado, restos de seus personagens, restos de narrativas...

Outra passagem em que a heterogeneidade se dá a ver pelos restos está posta na exposição de fotografias diversas, tiradas por vários sujeitos fotógrafos em diferentes posições e épocas, que retratam o autor em vários momentos de vida. Em cada clique manifesto, um modo de vê-lo e de dizer sobre ele. Mosaico de restos que se forma a partir da fotografia central de Amado, ou seja, por ele mesmo a partir de fotografias dele, de seu rosto partido e emendado, cheio de cacos quebrados, pedacinhos partidos, que se juntam à distancia, para formar apenas a imagem do rosto, o dele na maturidade.





O rosto composto pelo vário, pelo um que se mostra diferente em épocas distintas, pela heterogeneidade de vários rostos do mesmo homem em diferentes momentos: escritor, pai, marido, candidato a deputado federal de pelo PCB, político, escritor. Além desse painel, há outros dispostos pelo MLP com o grande acervo de imagens disponibilizado pela escritora e mulher de Amado, neles há registros fotográficos de encontros com personalidades como Tom Jobim, Fidel Castro, e cartas recebidas de amigos como Drummond e François Mitterrand; ao todos, são 600 imagens, 80 documentos originais e 110 livros expostos.

Por fim, um último extrato para análise diz respeito ao momento do mar de Amado ser cenografado: o mar do MLP sobre o mar amado de Amado, ou o amar o mar dele a partir da presença tão forte desse elemento natural em quase todos os seus romances, agora metaforizado pela série “Garrafas”. Azeite de dendê é o óleo extraído de uma palma que configura-se como um elemento fundamental na culinária e no candomblé baianos; mais uma vez voz do MLP marca um deslocamento de sentidos expostos nas práticas cotidianas de gastronomia e religião para o campo do que deve ser legitimado em uma unidade de informação oficial sobre a língua e identidade nacionais. Colocado em mil e oitocentas garrafas, o azeite de dendê cria um mar avermelhado no qual é possível ler trechos decalcados da obra de Amado.





A metáfora de mar é construída por uma cenografia em tons de vermelho e laranja marcada pelo dendê, cuja decantação é lenta e deixa camadas do extrato mais espesso no fundo como acontece com a areia; camadas azeitadas do mar-dendê que formam ondas de navegar de outra forma, qual seja, pelo literário, este que tudo autoriza recriar, que tudo possibilita unir entre os romances de Amado e que tudo separa no caso das despedidas de toda sorte. Os recortes são vários, pedaços de muitas e diferentes histórias, extratos de mar em diversas tramas narrativas, momentos em que o mar de Amado foi escrito com as cores da Bahia e de seus personagens.

As garrafas descartáveis cheias de dendê conservam o mistério que Amado deixou como navegante: garrafa lançada ao mar, uma não. Várias garrafas jogadas por pelo MLP para dizer de Amado, seus mares e marés. O mar da escrita de Amado na turbulência das rotas e navegações, de sua língua tecida nos embates entre a natureza e o corpo de marinheiros, o esforço de trabalhadores das docas, o mundo de vagabundos, prostitutas e moradores das ruas perto do cais. O mar engarrafado simula algo da rua com todas as misturas que o Brasil e a Bahia encerram: miscigenação entre etnias, sincretismo religioso e cultura híbrida. Mais que isso, o mar dele estica as tradições da rua com cantos, ritos e burburinhos populares em rezas, crenças e oferendas para a tessitura do enredo, unindo-a à sensualidade, aos apelos da carne e à questão amorosa sempre recorrente em sua obra. O mar de dendê expõe ainda o que Amado tocou de dor no humano, separações, confronto com a morte, esperas em vão, desencontros de tempos e perigos derivados do ciúme e da vingança. Eis o mar que nos une pela exposição do MLP, dito como o mar que Amado nos deixou em mensagens a serem encontradas pelos seus leitores, nós os marinheiros do mar amante e amado de Jorge.

Referências Bibliográficas

- AUTHIER-REVUZ, J. *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*. Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, (19), 1990.
- _____. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, Editora da Unicamp, 1998.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.
- _____. *Semântica e discurso*. Campinas: Unicamp, 1997.
- _____. Papel da memória. In: ACHARDI, P. [et.al.] *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E.P. (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- _____. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.